

VALERIO MASSIMO MANFREDI

O EXÉRCITO PERDIDO

Tradução de José J. C. Serra

1

O vento.

Sopra sem parar pelos desfiladeiros do monte Amano como se da garganta de um dragão e abate-se com violência sobre a nossa planície secando a erva e os campos. Durante o Verão todo.

E durante a maior parte da Primavera e do Outono.

Se não fosse o rio que desce pelos contrafortes do Monte Tauro nada cresceria por estes lados. Apenas restolho para magros rebanhos de cabras.

O vento tem uma voz própria, que muda constantemente. Por vezes, é um longo lamento que parece nunca mais acalmar; outras vezes, um assobio que se entranha de noite pelas fendas das paredes, pelas fissuras dos batentes das portas e pelos umbrais, envolvendo tudo numa neblina fina, abrasando os olhos e secando a boca mesmo quando se dorme.

Por vezes, é um rugido que traz consigo o eco do trovão pelos montes e o estalido das tendas nómadas do deserto. Um som que nos penetra e faz vibrar cada fibra do nosso corpo. Os velhos dizem que quando o vento ruge desta maneira algo de extraordinário está para acontecer.

Há cinco aldeias na nossa terra: Naim, Beth Qadà, Ain Ras, Sula Him e Sheeb Mlech. Ao todo somam poucas centenas de pessoas e cada aldeia surge sobre uma pequena elevação de terreno,

constituída pelos restos de outras aldeias destruídas pelo tempo, construídas e depois abandonadas e de novo reconstruídas no mesmo sítio, com o mesmo barro seco ao sol. Mas os administradores do Grande Rei chamam-lhes «Aldeias de Parisátis», o nome da Rainha-Mãe.

Também lhes chamam «Aldeias do Cinto» já que todo o nosso trabalho, tudo aquilo que produzimos e conseguimos vender, excepto o que nos serve para sobreviver, é destinado à compra anual de um novo e precioso cinto para o vestuário da Soberana. No final do Verão, um persa, ricamente vestido e escoltado por numerosos guardas, vem recolher os ganhos que os nossos pais conseguiram juntar durante um ano de trabalho duríssimo. Deixa-nos expostos ao risco da fome e à certeza da miséria apenas para comprar mais um cinto a uma mulher que já tem dezenas deles e não precisa seguramente de ter mais um. E diz-nos também que é uma honra para nós e que devíamos sentir-nos orgulhosos. Nem todos têm o privilégio de fornecer uma peça de vestuário a um membro tão importante da casa real.

Tentei várias vezes imaginar aquela casa, mas não consigo. São tantas as histórias que circulam sobre a hiperbólica residência. Há quem diga que está em Susa, outros que se encontra em Persépolis, outros ainda em Pasargade, no grande planalto. Talvez esteja em todos estes lugares em simultâneo, talvez em nenhum. Ou talvez esteja num lugar equidistante daquelas cidades.

Vivo numa casa com duas divisões, uma para dormir e outra para comer as refeições. O chão é de terra batida e talvez seja por isso que tudo aquilo que comemos sabe a poeira; o tecto é de troncos de palmeira e de palha. Quando vamos ao poço buscar água, as minhas amigas e eu deixamo-nos ficar a conversar, a fantasiar, correndo o risco de sermos castigadas quando chegamos tarde.

Muitas vezes, sonhamos acordadas com a vinda de um jovem belo, nobre, amável, que nos leve deste lugar, onde os dias se assemelham uns aos outros, embora saibamos que tal coisa nunca acontecerá. Mas sinto-me feliz na mesma: gosto de estar no mundo,

gosto de trabalhar, de ir ao poço com as minhas amigas. Sonhar não custa nada e, por instantes, é como viver outra vida: aquela que todas gostaríamos de ter tido, mas não tivemos nem viremos a ter.

Certo dia, quando íamos ao poço, a força do vento investiu contra nós fazendo-nos cambalear e obrigando-nos a dobrarmos-nos para a frente de maneira a aguentar aquela força poderosa. Já o conhecíamos: era o vento que rugia!

Ficou tudo mergulhado na neblina durante algum tempo, uma caligem densa que obscurecia todas as coisas. O disco do sol era a única coisa que se distinguia com clareza, mas a sua cor tinha uma insólita tonalidade rosada. Parecia suspenso no nada, numa charneca sem limites nem formas definidas, numa terra de espectros.

E naquela neblina surgiu uma forma indistinta que parecia mover-se flutuando no ar.

Um fantasma.

Um dos espíritos que ao pôr-do-sol saem de debaixo da terra para penetrarem na noite assim que o sol se esconde para lá do horizonte.

– Olhem – disse às minhas amigas.

A figura delineava-se, mas o rosto permanecia invisível. Atrás de nós ouvíamos os ruídos da noite: os camponeses de regresso dos campos, os pastores a empurrar os rebanhos para os redes, as mães a chamarem os filhos. Depois, de repente, fez-se silêncio. O vento que rugia emudece, a caligem dissolve-se lentamente. À nossa esquerda surgiu o grupo das doze palmeiras que contornava o poço, à direita a colina de Ain Ras.

No meio, ela.

Podia distinguir-se, agora, com contornos claros: a sua figura, o rosto emoldurado por cabelos escuros compridos. Uma jovem, muito bela.

– Olhem! – repeti. Como se aquela imagem não estivesse já no centro da atenção de todos. A figura magra avançava lentamente, quase como se sentisse o peso de todos os olhares sobre ela a cada passo que a aproximava do limite de Beth Qadà.

Voltámo-nos e vimos que muitos homens se tinham reunido à entrada da aldeia fazendo um muro de bloqueio à aproximação da mulher. Houve quem gritasse qualquer coisa: palavras terríveis, carregadas de uma violência que não conhecíamos. Acorreram também as mulheres e uma delas gritou:

– Vai-te embora! Vai-te embora enquanto é tempo! – mas ela não ouviu ou não quis ouvir. Agora, a gravidade daquele ódio também pesava sobre ela e oprimia-a, tornando-lhe árduo o caminhar.

Um homem apanhou uma pedra do chão e atirou-lha. Errou o alvo por pouco. Outros agarraram em pedras e atiraram-nas à mulher, que cambaleou. Uma pedra atingiu-a no braço esquerdo e, logo de seguida, outra no joelho direito fê-la cair. Levantou-se, oscilante. Com o olhar procurava em vão um rosto amigo naquela turba feroz.

Eu também gritei:

– Deixem-na em paz! Não lhe façam mal!

Mas ninguém me deu ouvidos. A chuva de pedras transformou-se numa saraivada. A mulher caiu de joelhos.

Ainda que não a conhecesse, mesmo não sabendo nada dela, via na sua resistência à descarga de pedras algo de milagroso, um acontecimento que nunca se dera naquele recanto esquecido do Império do Grande Rei.

A lapidação continuou até a mulher deixar de dar sinais de vida. Depois, os homens viraram costas e regressaram à aldeia. Pensei que, em breve, se sentariam à mesa e partiriam o pão para os seus filhos e comeriam a comida preparada pelas suas mulheres. Matar à pedrada, à distância, não mancha as mãos de sangue.

A minha mãe devia estar no meio daquela turba pois ouvi-a a chamar-me:

– Vem para aqui, estúpida, mexe-te!

Estávamos todas petrificadas com o que acabávamos de ver: algo que não seríamos sequer capazes de imaginar. Fui a primeira a despertar daquele torpor e dirigi-me para casa. Vencendo a

repugnância passei não muito longe do corpo da desconhecida, suficientemente perto para ver um veio de sangue que saía de debaixo das pedras e tingia o pó de vermelho. Pude ver a sua mão direita e os pés, também eles ensanguentados, depois desviei o olhar e afastei-me à pressa, a chorar.

A minha mãe recebeu-me com duas bofetadas e por pouco não deixei cair o cântaro da água. Não havia motivo para me bater, mas imaginei que quisesse aliviar-se da tensão e da angústia que sentira ao ver uma mulher que não fizera mal a ninguém ser morta à pedrada.

– Quem era aquela mulher? – perguntei sem prestar atenção à dor.

– Não sei – respondeu a minha mãe. – E vê se te calas.

Percebi que estava a mentir; não fiz mais perguntas e arregacei as mangas para preparar o jantar. O meu pai entrou enquanto eu punha a mesa: comeu de cabeça baixa e cara virada para a gamela, sem proferir palavra. Depois, foi para a outra divisão e logo de seguida ouvimos a sua respiração pesada. A minha mãe foi ter com ele assim que chegou a hora de acender a lucerna e eu pedi para ficar mais um pouco, às escuras.

Passou muito tempo. O último clarão da tarde apagou-se e caiu a noite, uma noite de lua nova. Sentei-me junto à janela, mantendo-a entreaberta para observar as estrelas. Ouviam-se os cães a ladrar: talvez sentissem o cheiro do sangue ou a presença daquele corpo desconhecido que jazia lá fora coberto de pedras. Perguntava a mim mesma se no dia seguinte iriam sepultá-la ou se a deixariam a apodrecer debaixo das pedras.

O vento, agora, calava-se, como se aquele crime também o tivesse emudecido; todos dormiam em Beth Qadà. Mas eu não. Não teria podido ceder ao sono, pois sentia que o espírito daquela mulher vagueava inquieto pelas ruas da aldeia adormecida, em busca de alguém para afligir com o seu próprio tormento. Incapaz de suportar a angústia que me assaltava na escuridão da minha casa e incapaz de adormecer na esteira aberta a um canto da cozinha,

acabei por sair de casa e a visão da imensa abóbada do céu estrelado deu-me um pouco de paz. Respirei fundo e sentei-me no chão ao lado da parede ainda tépida e ali fiquei de olhos abertos na escuridão à espera que as batidas do meu coração se acalmassem.

Apercebi-me algum tempo depois que não era a única pessoa da aldeia a não conseguir dormir: uma sombra passou por mim a pouca distância, silenciosa, mas o andar era inconfundível e reconheci uma das minhas amigas.

Chamei-a:

- Abisag.
- És tu? Quase morri de susto.
- Onde vais?
- Não consigo dormir.
- Nem eu.
- Vou ver aquela mulher.
- Morreu.
- E porque é que os cães continuam a ladrar?
- Não sei.
- Porque sentem que está viva e têm medo.
- Talvez receiem que o espírito dela os atormente.
- Os cães não têm medo dos mortos. Só os homens. Vou lá ver.
- Espera, eu também vou.

Encaminhámo-nos para lá conscientes de que se as nossas famílias o soubessem nos dariam uma tarefa. Durante o trajecto passámos junto à casa de Mermah, a outra nossa amiga, chamámo-la num sussurro por baixo da janela e batemos com os nós dos dedos no taipal. Devia estar acordada, pois apareceu imediatamente e ao sair a sua irmã também se juntou a nós.

Caminhámos rente às paredes até sairmos da aldeia e, em poucos instantes, chegámos ao local onde a forasteira fora apedrejada. Um animal fugiu à nossa chegada: um chacal, provavelmente, atraído pelo cheiro a sangue. Parámos em frente àquele monte disforme de pedras.

- Está morta – disse eu. – Que viemos cá fazer?

Ainda não tinha acabado de falar quando uma pedra solta reboiou por cima das outras.

– Está viva – disse Abisag.

Debruçámo-nos sobre ela e começámos a tirar-lhe as pedras de cima uma a uma sem fazer o mínimo ruído até conseguirmos libertá-la por completo. Naquela escuridão não conseguíamos sequer ver-lhe a cara. De qualquer forma, era uma máscara tumefacta de cabelos empastados de sangue e pó. Mas a sua veia jugular palpitava e da sua boca saía um leve estertor. Estava, sem dúvida, viva, mas parecia-me que poderia morrer a qualquer momento.

– Vamos levá-la daqui – disse eu.

– Para onde? – perguntou Mermah.

– Para a cabana junto ao rio – propôs Abisag. – Há já muito tempo que ninguém a usa.

– E como fazemos? – perguntou Mermah, de novo.

Tive uma ideia:

– Dispam os vestidos. Ninguém nos está a ver.

As raparigas fizeram o que lhes pedi intuindo o que eu tinha em mente e ficaram quase nuas.

Estendi os vestidos, atei-os para formarem uma espécie de pano que pusemos no chão junto à mulher. Depois, com grande cautela, agarrámo-la pelas pernas e pelos braços, levantámo-la e depusemo-la em cima das roupas. Emitiu um gemido quando a levantámos do chão, pois os seus membros deviam estar partidos, e nós tentámos levantar o pano com o máximo da delicadeza. A pobrezinha devia ser muito magra, pois não pareceu pesada a rapariguinhas como nós. Conseguimos transportá-la até à cabana sem grande esforço, parando de vez em quando para repousarmos e recobrar o fôlego.

Preparámos-lhe uma cama de palha, feno e uma esteira. Lavámo-la com água fresca e cobrimo-la com um saco de pano. Não teria frio, naquela noite amena, mas esse seria o menor dos seus problemas. Nenhuma de nós sabia se ela aguentaria a noite ou se na manhã seguinte encontraríamos um cadáver. Achámos que,